

A AUTO(TRANS)FORMAÇÃO E OS CÍRCULOS DIALÓGICOS INVESTIGATIVO-FORMATIVOS: DIÁLOGOS COM EDUCADORES SOBRE A ESCOLA PÚBLICA

Patrícia Poglia Dalmaso*

Patrícia Signor**

Resumo: Este artigo é um recorte de uma Dissertação de Mestrado inserido na Linha de Pesquisa 1- Formação, Saberes e Desenvolvimento Profissional do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria/RS. Reúne estudos, pesquisas, discussões e experiências vivenciadas através dos Círculos Dialógicos Investigativo-formativos enquanto metodologia de pesquisa e na formação com professores estudados pelo grupo Dialogus: Educação, Formação e Humanização em Paulo Freire, coordenado pelo Prof. Dr. Celso Ilgo Henz, da UFSM. Essa proposta, que foi criada em 2007, é baseada nos Círculos de Cultura de Paulo Freire (1970; 2013) apoiados teoricamente pela metodologia da Pesquisa-formação de Marie-Christine Josso (2010). O artigo traz algumas percepções da pesquisa de Mestrado que utilizou os Círculos como metodologia de pesquisa e para a formação com professores de educação básica, realizadas no ambiente escolar. O estudo teve como ponto de partida a realidade investigativa do cotidiano escolar de uma escola pública da rede estadual do município de Caçapava do Sul e traz considerações acerca das vivências dos Círculos a partir da visão dos sujeitos coautores da pesquisa, buscando a autonomia do educador e o fortalecimento do coletivo escolar por meio do diálogo problematizador e investigador.

Palavras-chave: Círculos Dialógicos Investigativo-formativos. Formação Continuada. Auto(trans)formação.

Introdução

Este artigo pretende mostrar os relatos e experiências vivenciados sobre a possibilidade de auto(trans)formação¹ com professores a partir da realização dos Círculos Dialógicos Investigativo-formativos como metodologia de pesquisa e formação docente em uma escola pública estadual. A partir dos estudos, pesquisas, leituras e discussões no grupo Dialogus: Educação, Formação e Humanização em Paulo Freire, da Universidade Federal de

* UNIPAMPA. E-mail: patriciapoglia@gmail.com

** UFSM. E-mail: psignor89@gmail.com

¹ O grupo Dialogus: educação, formação e humanização em Paulo Freire, reflete acerca do conceito de auto(trans)formação, que abrangem problematizações acerca da formação permanente e da descoberta do inacabamento e conscientização do ser durante sua constituição profissional, cultural e social.

Santa Maria, mediado e coordenado pelo Prof. Dr. Celso Ilgo Henz, da UFSM, os Círculos vêm sendo estudados e desenvolvidos em pesquisas acadêmicas com estudantes de graduação e pós-graduação e na formação com professores de educação básica desde 2007, promovendo a integração universidade/escola e o diálogo com educadores, enquanto agentes, sujeitos e protagonistas de sua própria formação. Este estudo trará experiências e as percepções da mediadora sobre o desenvolvimento dos Círculos, e as auto(trans)formações percebidas nos professores da escola participante da pesquisa.

A oportunidade de promover a formação com professores por meio dos Círculos Dialógicos Investigativo-formativos vem da perspectiva freireana, baseada na experiência dos Círculos de Cultura² de Paulo Freire, bem como a Pesquisa-formação³ de Marie-Christine Josso (2010). Os Círculos Dialógicos Investigativo-formativos, como metodologia, já foi vivenciada e sistematizada em outras dissertações de mestrado e está sendo aplicada e desenvolvida em outras pesquisas em andamento de participantes do grupo Dialogus.

A proposta do artigo abrangerá algumas falas dos sujeitos coautores, fragmentos e recortes da realização dos Círculos como parte da pesquisa do curso de Mestrado em Educação da UFSM, pela linha de pesquisa Formação, Saberes e Desenvolvimento Profissional, intitulada *“A escola como espaço-tempo de auto(trans)formação permanente e mudança da prática docente”* de Patrícia Dalmaso Pogliá (2016) tendo como contexto de pesquisa, a formação continuada de educadores de uma escola pública estadual do Rio Grande do Sul, no município de Caçapava do Sul/RS. Os Círculos, que emergiram dos estudos da pesquisadora, partiram do contexto vivenciado, trazendo para a discussão e diálogo temáticas da necessidade dos educadores.

1 A reinvenção e a construção coletiva: dos Círculos de Cultura aos Círculos Dialógicos Investigativo-formativos

A proposta metodológico-epistemológica Círculos Dialógicos Investigativo-formativos assinalou até o momento, seis movimentos: escuta sensível e olhar aguçado,

² Para Brandão, no círculo de cultura o diálogo deixa de ser uma simples metodologia ou uma técnica de ação grupal e passa a ser a própria diretriz de uma experiência didática centrada no suposto de que aprender é aprender a “dizer a sua palavra”. Desta maneira podem ser sintetizados os fundamentos dos círculos de cultura (2010, p. 69).

³ Na pesquisa-formação “os participantes investem ativamente em cada etapa do trabalho” (JOSSO, 2010, p. 135).

descoberta do inacabamento⁴, diálogos problematizadores, emergência das temáticas, auto(trans)formação e conscientização. Esses movimentos “não ocorrem linearmente ou de forma estanque; todos estão imbricados uns nos outros dentro da processualidade dialética de uma espiral” (HENZ; FREITAS, 2015). Ressaltamos que o grupo Dialogus já estuda outros movimentos surgidos nos encontros do grupo de pesquisa e com educadores das escolas às quais a proposta está sendo estudada e aplicada.

O movimento escuta sensível e o olhar aguçado, serve para uma troca de experiências baseados na escuta do outro, nas percepções provocadas e das problematizações geradas do encontro. Para Freire, “saber escutar é condição para o desenvolvimento de uma prática educativa democrática” (SAUL, 2010, p. 160). Neste movimento é essencial que sejam observados atentamente, os gestos, as reações, os olhares e a capacidade de reflexão pelo grupo. No movimento descoberta do inacabamento, a ideia é possibilitar a consciência da inconclusão e realizar uma reflexão crítica sobre o cotidiano da escola e o que pode ser feito para melhorá-la.

No movimento emergência das temáticas, é o momento em que o pesquisador e os sujeitos coautores⁵ da pesquisa poderão construir os diálogos necessários a fim de perceber as novas possibilidades de intervenção no universo escolar. Nesse movimento, a comunicação, integração e o diálogo são fatores primordiais para se atingir o objetivo do encontro. Freire (2000, p. 102) ressalta a importância desse aprendizado coletivo:

O exercício de pensar o tempo, de pensar a técnica, de pensar o conhecimento enquanto se conhece, de pensar o quê das coisas, o para quê, o como, o em favor de que, de quem, o contra que, contra quem são exigências fundamentais de uma educação democrática à altura dos desafios do nosso tempo.

Já os diálogos problematizadores são estabelecidos nos encontros, partindo das falas dos sujeitos, aproveitando as temáticas que vão surgindo “a fim de mobilizar e potencializar cada um dos participantes a pensar sobre os questionamentos que vão sendo levantados”. (FREITAS e HENZ, 2015, p.7) Já no movimento auto-(trans)formação, se dá a interiorização e assimilação dos conceitos refletidos com e no grupo, sendo criada a oportunidade de vivenciá-los. Para o grupo Dialogus, o movimento conscientização talvez seja culminância e a soma de todos os outros. Espera-se nesse movimento, a auto(trans)formação de todos os

⁴ Para TROMBETTA; TROMBETTA, (...) o ser humano é um ser inacabado: não é uma realidade pronta, estática, fechada. Somos um ser por fazer-se; um ser no mundo e com os outros envolvidos, num processo contínuo de desenvolvimento intelectual, moral, afetivo (2010, p. 221).

⁵ Termo utilizado pelos autores no texto original.

sujeitos envolvidos na dinâmica através da conscientização em si e com o outro de forma a gerar o comprometimento com seu sentir/pensar/agir a escola, com a escola e na escola.

Destarte, citamos novamente Henz (2015) quando ele diz: “a auto(trans)formação permanente de professores se dá por meio de uma circularidade em espiral ascendente proativa que se movimenta dentro da condição ontológica do inacabamento humano em busca do ‘ser mais’.” Nesses encontros, cada professor é convidado a ‘dizer a sua palavra’ proporcionando espaços-tempo de reflexão e diálogo interpares. Para tanto, entendemos que isso só será possível através da ação-reflexão-ação individual e coletiva do grupo de educadores da escola.

Para os pesquisadores, os sujeitos envolvidos no estudo são chamados ‘sujeitos coautores’ por entenderem que todos têm participação e papel determinante nas reflexões tomadas pelo grupo. Dessa forma, a escola se constitui como um lugar de discussão onde todos os participantes são considerados construtores de conhecimentos e práticas que sirvam para sua auto(trans)formação e intervenção nos ambientes educativos em que atuam. Para Josso,

a formação do sujeito é concebida como sucessão de transformação de suas qualidades socioculturais e a pesquisa é entendida como a realização de atividades transformadoras de subjetividade do sujeito aprendente e cognoscente. É, portanto, igualmente o sujeito da pesquisa e o sujeito cognoscente que estão em formação (JOSSO, 2010, p. 19).

O sujeito coautor se reconhece como elemento primordial da sua própria formação, e embora isso exija um esforço individual, considerando a sua dimensão pessoal e profissional, terá como resultado uma reflexão coletiva. Por outro lado, não podemos delimitar os Círculos como uma metodologia estanque e engessada de pré-conceitos estabelecidos. As experiências e vivências dos educadores envolvidos na proposta se constituem como uma alternativa de fortalecimento da escola e dos seus educadores, para que consigam perceber a escola como um espaço-tempo de diálogo e transformação.

Esses momentos de formação, quando realizados dentro do ambiente escolar implicam em um maior envolvimento e adesão dos professores que formações promovidas por instâncias superiores, com um público maior, sem espaço para o compartilhamento de ideias e voltadas para temáticas desinteressantes e alheias ao ambiente escolar e da prática docente. Muitas vezes essa formação é descontextualizada e isolada, oferecida por formadores externos contratados pelas escolas. Desta forma citamos Nóvoa que diz:

a formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos, ou de técnicas), mas sim de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal (1992, p. 25).

Essa proposta metodológica-epistemológica se encontra em constante transformação, assim como todos os participantes dos Círculos, pois à medida que os Círculos vão acontecendo nas escolas e grupos de estudos, novos movimentos vão surgindo. A cada encontro do grupo, novas experiências são relatadas, tornando o processo de pesquisa dinâmico e inovador. A possibilidade de reflexão e diálogo individual e interpares refletem na busca de novos aprendizados, possibilitando a aproximação e interação de seus participantes, contribuindo para a construção de práticas dinâmicas, humanizadoras e conscientes.

2 Possibilidades de auto(trans)formação dialógica a partir do contexto da escola

Durante as dinâmicas dos Círculos Dialógicos que foram realizados no primeiro semestre de 2016, em uma escola pública de educação básica da rede estadual do Rio Grande do Sul, a auto(trans)formação foi vivenciada em encontros de formação quinzenais, de 2 horas, que fizeram parte da formação continuada obrigatória exigida pelas Coordenadorias Regionais de Educação (CREs). Os encontros aconteciam após o período vespertino de aulas, fora da carga horária normal dos professores. As temáticas que geraram os debates foram previamente escolhidas depois de realizadas entrevistas com 20 professores de Ensino Médio. Essas entrevistas foram, no entanto, realizadas dentro do período de aulas, nos intervalos dos professores, de forma a atingir um maior número de participantes. Foi uma experiência de vida e de formação que valorizou o cotidiano escolar e respeitou o tempo docente. Desta forma,

é possível pensar as dimensões do Tempo no cotidiano escolar, como as que dão ritmo ao trabalho de formação, contam a história passada ao passo que vislumbram o futuro, e ainda, moldam-se aos sentidos que atribuímos pelos que vivenciam o espaço escolar (SILVA, 2013, p. 55).

Os educadores que concordaram em participar da pesquisa identificaram-se voluntariamente com apelidos ou codinomes, a fim de preservar suas identidades nos relatos. Algumas falas decorrentes dos Círculos serão apresentadas ao longo do artigo. Como disse a educadora Lili:

Na verdade são tratados temas relevantes né? Que são importantes, mas chegando agora, começando os estudos de aprendizagem e tal que eu estou fazendo, eu observei que a gente está muito atrasado com relação às teorias da aprendizagem, às

novas técnicas, a tudo que está acontecendo, tudo novo que está chegando... Eu acredito que a escola está muito atrasada e os professores estão ali por falta de conhecimento mesmo. Eu acho que a maior parte deste tempo da formação é um tempo que não é bem aproveitado. A gente fica uma semana né, antes das férias, é uma semana inteira pra isso, então deveria ser mais bem aproveitado... Pra trazer mais bagagens (POGLIA, 2016, p. 45).

A necessidade de estar em constante formação e (trans)formação acompanhou os educadores durante todos os Círculos. Por acreditar que teoria e práticas são conceitos indissociáveis, optamos por trabalhar com autores que assumem essa perspectiva metodológica. Iniciamos trabalhando com excertos da obra de Paulo Freire, *Pedagogia da Autonomia* (2015) escolhida a partir das falas mais emergentes nas entrevistas. Por acreditar que esta obra é de extrema relevância e de suma importância para todos os educadores, e que as discussões geradas a partir dos encontros não se esgotaram, a mesma serviu de referencial para os próximos encontros que aconteceram, complementando os conceitos que surgiram.

Desta forma, as temáticas surgidas das entrevistas foram embasadas nos dois primeiros Círculos por trechos da *Pedagogia da Autonomia*, (2013) de Paulo Freire e no terceiro e último, por excertos da obra de Antônio Nóvoa, *Professores, imagens do futuro presente*, (2009), do Capítulo 2, 'Para uma formação de professores construída dentro da profissão'. Optamos por descrever essa dinâmica do Círculo pela sua relevância e por acreditar que formação de professores se faz na escola e pelos professores.

Nesse capítulo, o autor apresenta o 'desenho' do que considera ser um bom professor, no qual faz uma ruptura e debate sobre competências, o que lhe parece um conceito já saturado, e que pretende ter um olhar mais cuidadoso para a ligação entre as dimensões pessoais e profissionais no processo identitário dos professores (2009, p. 29). Para isso, ele elege o conhecimento, a cultura profissional, o tato pedagógico, o trabalho em equipe e o compromisso social como as cinco disposições essenciais à definição dos professores nos dias de hoje (idem, p. 30-31).

Essas disposições transformaram-se em cinco propostas de formação caracterizadas pela letra P: Práticas, Profissão, Pessoa, Partilha e Público. Dividimos então os excertos com os cinco 'Pês' em grupos de quatro integrantes para uma discussão prévia, lançando uma provocação ao grupo: O que poderia efetivamente ser feito depois de tudo o que foi discutido? Nesse momento do encontro, várias ideias de atividades foram surgindo e cada um dos educadores presentes foi apontando possibilidades de trabalhar diferente. Sobre o trecho, Prática: "A formação de professores deve assumir uma forte componente praxica, centrada na aprendizagem dos alunos e no estudo de casos concretos, tendo como referência o trabalho

escolar” (2009, p. 32), os sujeitos coautores concluíram que quando se fala em situações concretas, o ponto de partida é de alguma prática que aconteceu e qual ensinamento se pode tirar dela. A escola vai teorizar uma ação que aconteceu e se apresentou. É importante salientar que essa tem que estar fundamentada em algum referencial que seja o instrumento de consulta e embasamento mais científico, buscar quem discorreu sobre o tema e se há uma articulação entre elas de forma a fomentar nos educadores o desejo de pesquisar sobre os temas os quais trabalham em seu dia a dia em sala de aula.

O tema seguinte a ser debatido diz respeito à Profissão: “A formação de professores deve passar para “dentro” da profissão, isto é, deve basear-se na aquisição de uma cultura profissional, concedendo aos professores mais experientes um papel central na formação dos mais jovens” (idem, 2009, p. 36) o respeito à experiência é muito importante, quem está ali há mais tempo tem muito a acrescentar. Há de se refletir sobre as práticas já testadas, mesclando com elementos novos trazidos pelos professores recém-chegados, aproveitando o que é bom e descartando as práticas obsoletas. Sobre isso a educadora Estrela completa:

[...] na questão da experiência e das relações, porque gente, sempre vai ser gente, e muitas vezes o que acontece, o novo por ser novo, a chegada dele torna diferente, [...] e o velho entre aspas né? (risos) sente-se ofendido com aquilo ali [...] e também os mais experientes também têm que ter o conhecimento do que está acontecendo no mundo, para ele também saber se posicionar e aceitar o novo, [...] então nós precisamos também disso aí, porque o novo, muitas vezes chega e assusta o mais experiente, eu acho que é isso que acontece... muitas vezes o novo não sabe chegar e o mais experiente às vezes não consegue escutar, né? (POGLIA, 2016, p.118-119)

O próximo trecho a ser debatido abordou a Pessoa: “A formação de professores deve dedicar uma atenção especial às dimensões pessoais da profissão docente, trabalhando essa capacidade de relação e de comunicação que define o tacto pedagógico (NÓVOA, 2009, p. 38)”. A questão do ‘eu’ pessoal e o ‘eu’ profissional emergiu no sentido de que não há mais condição de haver essa dicotomia. Essa é uma questão que mereceu um intenso debate, pois muitos tiveram na sua formação inicial o conceito de que deviam separar os assuntos pessoais dos profissionais.

Seguindo a dinâmica, chegamos ao quarto trecho para discussão: Partilha, “A formação de professores deve valorizar o trabalho em equipe e o exercício colectivo da profissão, reforçando a importância dos projectos educativos de escola” (ibidem, 2009, p. 14). Sobre esse tópico, a falta de tempo para planejamento de atividades interdisciplinares em conjunto com os demais professores foi o principal motivo apontado pelos professores do grupo. Como avalia a educadora Átomo: “Ah, eu acho que é o que a gente está fazendo neste

momento, [...] o que falta hoje é parar pra planejar junto, a gente tem que planejar em conjunto, tanto por área, tanto fora de área [...]” (POGLIA, 2016, p.120). Dessa forma, a possibilidade de todos poderem dizer a sua palavra, sem barreiras ou restrições proporcionadas pela metodologia dos Círculos, transformou sua visão e esclareceu que o lugar de resolver os problemas da escola é na escola.

Partimos então para o quinto e último excerto da obra de Nóvoa, a ser discutido pelo grupo para encerrarmos os diálogos: Público, “A formação de professores deve estar marcada por um princípio de responsabilidade social, favorecendo a comunicação pública e a participação profissional no espaço público da educação” (2009, p. 42). O grupo expôs que para tornar o seu educando um cidadão social inserido na sociedade e crítico, é importantíssimo o professor ter um conhecimento da realidade dele para que possa trabalhar e mostrar o quanto ele pode buscar a mudança dessa realidade. É tarefa do professor tentar sensibilizar o aluno na ideia de transformação, de evolução e a busca de uma perspectiva de melhora. Desse modo, interrompemos, (não finalizamos), os Círculos na escola, com a certeza de que provocamos muitas reflexões e muitos questionamentos, de que geramos discussões e compartilhamos saberes em um processo de construção colaborativa e auto(trans)formativa do conhecimento e de reflexão sobre a própria prática educativa daqueles sujeitos, inseridos naquele contexto. Ficamos com a promessa de retorno à escola para fazer a devolutiva das (in)conclusões tiradas do estudo, pois a proposta dos Círculos é de uma formação contínua, sempre buscando espaço e alternativas de diálogo nas escolas trabalhadas.

Considerações finais

Como já explicamos, os Círculos Dialógicos Investigativo-formativos apresentam movimentos (ainda em estudos e construção) em sua realização que envolvem e aproximam os participantes de temáticas reais, contextualizadas e que permitem aos integrantes dialogarem sobre as temáticas relevantes ao seu ambiente escolar.

Ao finalizar esse trabalho, procuramos abordar os estudos realizados pelo Grupo Dialogus – Educação, Formação e Humanização, da UFSM, sobre os Círculos Dialógicos Investigativo-formativos não como uma metodologia fechada, mas como uma proposta epistemológica de pesquisa e formação docente em escolas públicas.

A dinâmica de realizar os Círculos presencialmente na própria escola demonstra a capacidade autônoma e dialógica, de se pensar e fazer a formação de professores através da sua práxis educativa que vem ao encontro de uma proposta humanizadora vivenciada por

Freire ao longo de toda a sua vida educacional. A escola, mesmo sendo um espaço formal de ensino, compreendeu que os pensamentos e princípios de Freire serviam de resposta aos seus anseios pessoais e profissionais, abrindo caminhos para a (re)escrita de novas possibilidades de diálogo e de auto(trans)formação. Nos encontros do grupo Dialogus esse tem sido o seu maior objetivo. Nas pesquisas de mestrado e doutorado ainda em andamento dos componentes do grupo, não há conclusões fechadas, mas sim as percepções apontadas pelas pesquisadoras que servirão de base para novas dinâmicas a serem trabalhadas nos Círculos. Como diz Freire: “É exatamente esta capacidade de atuar, operar, de transformar a realidade de acordo com finalidades propostas pelo homem, à qual está associada sua capacidade de refletir, que o faz um ser de práxis” (1988, p.17)

Os profissionais da educação, assim como outros profissionais, precisam fundamentalmente de uma formação continuada que responda a seus anseios e necessidades com a finalidade de formar redes de compartilhamentos de saberes de forma que também possam colaborar com o desenvolvimento social da escola, preparando os sujeitos para uma sociedade que a cada instante exige novos e diferentes conhecimentos. O entendimento de que o professor além de ensinar, precisa também pesquisar, deve transcender o seu fazer docente.

Esse buscar por referenciais que podem trazer-lhes alguma resposta aos seus questionamentos é a base dessa formação, direcionando diretamente à sua prática cotidiana. Pois para Freire,

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Estes que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (2015, p. 30).

Neste sentido, o papel do mediador/pesquisador é fundamental, pois terá que perceber durante a realização dos Círculos pela escuta sensível das discussões que emergem do grupo e pelo olhar atento aos participantes/sujeitos coautores, para que, efetivamente, os Círculos manifestem a realidade do grupo e que a escola seja um espaço de autonomia, reflexão, conscientização e auto(trans)formação de todos.

Acreditamos que é possível apontar caminhos para auto(trans)formar-se, reconstituir as práticas pedagógicas em sala de aula à luz de teorias significativas e adequadas aos momentos vivenciados na escola, aliando o conhecimento de cada profissional docente às informações e reflexões sobre a sua prática.

Referências

- BRANDÃO, C. R. In: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.
- _____. **Educação e Mudança**. 14. ed. São Paulo: paz e Terra, 1988.
- _____. **Pedagogia do Oprimido**. 55. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- _____. **Pedagogia da Autonomia** - Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2015.
- HENZ, C e FREITAS, L. In Henz, C.I e TONIOLO, J.M.dos S de A. (Orgs.) **Dialogus:** Círculos Dialógicos, humanização e auto(trans)formação de professores. São Leopoldo: Oikos, 2015.
- JOSSO, Marie-Christine. **Caminhar para si**. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- NÓVOA, A. (Org.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992
- NÓVOA, A. **Professores Imagens do futuro presente**. Lisboa: educa, 2009.
- POGLIA, P. D. **A escola como espaço-tempo de auto(trans)formação permanente e mudança da prática docente**. 148f. Dissertação [Mestrado em Educação] - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016.
- SAUL, A. M. In: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- SILVA, M. da. **Tempos na formação docente:** entre o identitário e o imaginário. 2013. 127 f. Dissertação [Mestrado em Educação] – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS.
- STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte, Autêntica, 2008.
- STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.